

Imagens do futuro: relações entre o ser e o comer na história da alimentação

Images of the Future: relating being and eating in the history of food

Resenha do livro:

BELASCO, Warren. **O que iremos comer amanhã?** Uma história do futuro da alimentação. São Paulo: Editora Senac, 2009. 414 p.

Matheus Henrique da Mota Ferreira¹

RESUMO: A obra resenhada, *O que iremos comer amanhã?*, de Warren Belasco, explora a temática do futuro da alimentação, retrazando os argumentos históricos e o modo de estruturação da discussão, e contextualizando estes em um debate cultural maior, com complexos encadeamentos econômicos e políticos. O mais interessante no que escreve Belasco, um dos fundadores dos Estudos Alimentares (*“Food Studies”*), é o modo como acaba desenvolvendo uma genealogia de questões contemporâneas, desenraizando preconceitos e pressupostos ocultos que se manifestam no cenário atual em qualquer discussão sobre o futuro da humanidade. A trama que se origina na comida acaba por entrelaçar os temas mais diversos, remetendo a uma série de antigas associações entre o que somos e o que comemos. Tão íntima ao humano, a comida vem permeando debates centrais sobre a organização e a produção social, tendo povoado as imagens de poder e força de impérios, assim como os sonhos utópicos de emancipação social. Com seu trabalho, Belasco consegue mostrar que a construção de uma hegemonia política e cultural vem historicamente acoplada a uma hegemonia alimentar que difunde hábitos ocidentais centrados no consumo da carne, e reconstrói associações entre o racismo, o sexismo e o classismo estruturais a partir da questão da alimentação.

Palavras-chave: futuro; História da Alimentação; Estudos Alimentares; Belasco.

¹ Doutorando em Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologias na UFRJ. Contato: matheushmf01@gmail.com.

ABSTRACT: The book under review, *Meals to Come: A History of the Future of Food*, by Warren Belasco, explores the theme of the future of food, retracing the historical arguments and the way these discussions were structured. It also contextualizes them in a wider cultural debate with complex political and economic linkages. One interesting feature in Belasco's writing – one of the founders of the “Food Studies” – is the way he develops a genealogy of contemporary issues, unrooting hidden prejudices and assumptions that manifest themselves in any modern discussion about the future of humanity. Starting on food, this plot ends up weaving together the most diverse themes referring to a chain of historical associations between what we are and what we eat. So intimate to humans, food has permeated central debates about social organization and production, and has populated the images of power and strength of empires, as well as the utopian dreams of social emancipation. In his work, Belasco succeeds in showing that the construction of a political and cultural hegemony has been historically coupled to a food hegemony that has spread Western habits of meat consumption, and in reconstructing the associations between structural racism, sexism and classism through food issues.

Keywords: future; Food History; Food Studies; Belasco.

Warren Belasco foi professor de Estudos Americanos (*American Studies*) na University of Maryland Baltimore County (UMBC). Sua produção ao longo da carreira ajudou a fundar o campo dos chamados Estudos Alimentares (“*Food Studies*”), marcados por uma abordagem interdisciplinar, a partir da qual o alimento é inserido em seu contexto sociocultural, histórico e antropológico, assim como econômico, político, agrônômico e ecológico.

A obra em questão, *O que iremos comer amanhã? Uma história do futuro da alimentação*, lançada no Brasil em 2009, é dividida em três partes. A primeira, com três capítulos, introduz o debate acerca do futuro da comida, apresentando a estrutura inicial deste em discussões que datam de fins do século XVIII (o debate de Malthus-Condorcet-Godwin de 1790) e prosseguem no tempo com grande similaridade estrutural. Nesta parte, o autor enfatiza as

discussões dos *think tanks* oficiais em universidades, grandes corporações, fundações e agências governamentais, geralmente dominados por homens brancos das elites. Na segunda parte, consistindo de dois capítulos, o autor adentra o campo da ficção especulativa, no qual vozes de grupos marginalizados e críticos se faziam ouvir mais facilmente. E, na última, Belasco se concentra nas três grandes imagens de futuro produzidas ao longo deste período pelos autores que participam do debate, dedicando um capítulo a cada uma delas.

O livro se destaca pela sua capacidade de reconstruir o debate histórico, ao mesmo tempo em que desenha a genealogia de associações entre o racismo, o sexismo e o classismo estruturais a partir da questão da alimentação. Tão íntima ao ser humano, a comida vem permeando debates centrais sobre a organização e a produção social, tendo povoado as imagens de poder e força de impérios, assim como os sonhos utópicos de emancipação social. A partir de seu trabalho, Belasco consegue mostrar que a construção de uma hegemonia política e cultural vem historicamente acoplada a uma hegemonia alimentar que difunde hábitos ocidentais centrados no consumo da carne, entretanto, este processo hegemônico gera, simultaneamente, aproximações entre grupos marginalizados, aproximando as lutas antirracista, anti-imperialista, antipatriarcal, anticapitalista e ambientalista também à produção de novos imaginários alimentares.

Resumindo o argumento central da obra, poderíamos afirmar que a história da discussão sobre o futuro dos alimentos nos últimos 200 anos têm sido uma constante reformulação das mesmas três posições, representadas por seus prováveis enunciadores originais. Para a pergunta “como alimentar a população”, as três respostas seriam:

- 1) para Malthus: “coloquem menos garfos sobre a mesa” (controle populacional e menos pessoas para comer);
- 2) para Condorcet: “façam uma torta maior” (mais tecnologia e maior produção de alimentos);
- 3) para Godwin: “ensinem melhores maneiras à mesa a todos” (ação política e distribuição equitativa do alimento produzido).

A discussão é trazida a partir tanto de relatórios, jornais, livros e documentos oficiais, como de filmes e literatura de ficção utópicos e distópicos, sendo interessante observar como os primeiros são dominados pelos discursos de homens brancos europeus ou norte-americanos, enquanto nos segundos há presença expressiva de um pensamento contra-hegemônico, de ambientalistas radicais, socialistas e feministas.

Belasco apresenta a raiz histórica de preconceitos racistas e sexistas contemporâneos, a partir da associação mitológica do arquétipo do homem carnívoro na cultura ocidental, ligando a carne ao progresso, ao crescimento, à evolução, à melhoria, à modernização e ao desenvolvimento. O progresso viria junto com a civilização, a qual seguia o modelo da hegemonia europeia carnívora, em oposição ao vegetarianismo sobrecivilizado e efeminado dos “orientais” e ao primitivismo de “tribais canibais”.

A lei do progresso, de claro cunho etnocêntrico, foi identificada à observação de verniz científico denominada Lei de Bennet, que afirmava estar a industrialização (logo, o progresso também) associada ao aumento no consumo de carne, laticínios, produtos alcoólicos e processados, com a redução de alimentos amiláceos. Ou seja, o desenvolvimento econômico “levantaria a população na cadeia alimentar”, afastando-a de “orientais” com dietas baseadas em arroz e fontes proteicas incomuns para o eixo euro-norte-americano (preconceito que reaparece até hoje em discursos sobre a alimentação chinesa, trazidos à tona com a epidemia global do coronavírus²).

A carne ligava-se diretamente à ideia de dominação sobre a natureza, os recursos, os animais, os povos e as mulheres. Essa associação da carne à superioridade e à dominação generalizadas reforça o antagonismo de tendências marginalizadas, as quais tendem a se aproximar, como o vegetarianismo-feminismo-socialismo.

As imagens “abundantistas” (*cornucopians* no texto original, ligadas à posição de Condorcet de soluções tecnológicas para produzir um futuro alimentar utópico), por exemplo, poderiam ser agrupadas em dois grandes conjuntos nesse contexto: dos “Pais Puritanos”, com monoculturas orientadas para o mercado, dependentes de pecuária e controladas por homens; e das “Mães de Milho”, com horticulturas de subsistência sustentáveis controladas por (ou compartilhadas com) mulheres. Essas duas imagens apresentam um pouco das assimetrias de poder nas relações de produção e de organização social, inclusive na produção de imagens sobre a boa alimentação e o progresso civilizacional, nas quais dominava a visão carnista-machista-capitalista-racista: Mais bife para o Pai e mais trabalho para a Mãe.

² Cf. reportagens sobre o assunto produzidas durante a pandemia: REUTERS. Sentimento anti-China se espalha no mundo junto com coronavírus. **Exame**, 30 jan. 2020. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/sentimento-anti-china-se-espalha-no-mundo-junto-com-coronavirus/>>. Acesso em: 11 ago. 2020; AGUILERA, Jasmine. Xenophobia ‘Is a Pre-Existing Condition.’ How Harmful Stereotypes and Racism are Spreading Around the Coronavirus. **Time**, 1 fev. 2020. Disponível em: <<https://time.com/5775716/xenophobia-racism-stereotypes-coronavirus/>>. Acesso 11 ago. 2020.

Ilustrando a vertente abundantista, predominante de fins do século XIX a meados do século XX, a EXPO Chicago de 1933 trouxe como lema: “*Science finds – Industry applies – Man conforms*” (a Ciência encontra, a Indústria aplica e o Homem se conforma). O futuro então parecia iluminado pela confiança na ciência e na aliança tecnocientífica. As novas descobertas transformariam o homem, a humanidade e sua comida em algo novo, melhor e, possivelmente, irreconhecível.

No pós-guerra, o medo do espectro comunista e da insurreição social de camadas populares empobrecidas e subnutridas, incentivou a Revolução Verde, e sua maior arma para a Guerra Fria: o gado alimentado por grãos. Sonhava-se com a produção de um éden químico-tecnológico no lugar do éden proletário prometido pelos comunistas. Segue a esse um período de neo-malthusianismo dominante ao qual se opõe a postura godwiniana, do movimento constelado por Lappé³ nos Estados Unidos, e a proposta de redistribuição de poder.

Sobre os três Gs (*Globalização, Engenharia Genética, Aquecimento Global*) que marcaram as últimas décadas, Belasco apresenta as variações na visão das três grandes vertentes no debate:

1) para os abundantistas, a globalização intensificaria o “sucesso” capitalista, a genética alimentaria os famintos do mundo e o aquecimento global, se não fosse um alarme falso, seria resolvido pelas soluções orientadas ao mercado como créditos de carbono, confirmando a vitória do livre-mercado e do capitalismo;

2) para os malthusianos, o aquecimento confirmava suas previsões catastrofistas, a genética não passava de uma esperança superinflada e a globalização corria o risco de inundar o mundo de refugiados ambientais e econômicos;

3) já para os igualitaristas (os seguidores da tendência godwiniana), o controle corporativo de genes deveria ser atacado, o aquecimento refletia a organização desigual da sociedade e a única possibilidade de solução para esses problemas poderia vir de uma “globalização por baixo”, com movimentos populares se unindo pelo mundo.

O autor destaca ainda como ponto em comum entre boa parte dos debatedores nas discussões de *think tanks* futuristas (todos malthusianos ou abundantistas) que a maioria era

³ Frances Moore Lappé é pesquisadora, autora e ativista na área da alimentação e seus entrelaçamentos políticos e econômicos. Seu livro da década de 1970, *Dieta para um pequeno planeta*, foi uma peça-chave na história da luta pelos direitos alimentares e por mudanças sociais sistêmicas no modo de produção e distribuição de alimentos.

de missionários interdisciplinares de tendências idealistas, que usavam estatísticas reducionistas baseadas em suposições questionáveis para fazer previsões imprecisas.

Esses debatedores entraram em uma batalha de metáforas como recurso recorrente para vencer a discussão: o Prometeu abundantista, explorador, progressista e envolvido na aventura da descoberta tecnocientífica, contra o Sísifo malthusiano, calculador, precavido, que fazia o planejamento de gastos familiares para o futuro doméstico. E opunham conceitos de inteligência (*smartness*): a argúcia da ciência de ponta contra o bom-senso conservador de pais experientes.

Destes debates, Belasco destaca cinco lições:

- 1) afirmações positivas do tipo “você ainda não viu nada” parecem intrinsecamente mais capazes de chamar atenção e se disseminar;
- 2) trabalhe metáforas, mitos e alusões na hora de promover suas previsões;
- 3) seja confiante e ousado em suas previsões;
- 4) mesmo que padrões se repitam, as coisas mudam, sim, nos debates;
- 5) a precisão de previsões de longo-prazo nunca parece ter sido o objetivo, apenas as extrapolações a partir de tendências exageradas para provar um ponto.

Nos debates alternativos cheios de igualitaristas, predominou inicialmente (de fins do século XIX ao início do XX) uma visão “vitoriana” que combinava sem pestanejar progressismo tecnológico e socialismo, Darwin e Fourier, nas palavras do autor, sem, com isso, encontrar qualquer contradição. No contexto da guerra e do pós-guerra, as visões distópicas tornam-se predominantes, das burocracias monolíticas e estagnadas às civilizações hipercapitalistas diante da catástrofe ambiental iminente. Nesse contexto, fortalece-se uma crítica ambientalista-feminista à tecnociência dominante, considerada aliada do modo de produção econômico e da organização social que levava/levaria à crise final. As ideias de resistência contra-hegemônica se associam às ideias de diversidade, primitivismo, linhagens selvagens e vigor híbrido (combinando analogias agroambientais a concepções etnoculturais).

Como último ponto merecedor de destaque, temos os três futuros abundantistas abordados atentamente nos últimos três capítulos da obra. Eles não se manifestam historicamente em uma linha temporal clara, mas são, sim, co-presentes, alternando ainda assim sua dominância com modulações de suas versões matriciais ao longo do século XX:

– Futuro Clássico: afluência infinita, com uma expansão materialista, quantitativa e imperialista; o novo era uma versão maior e melhor do velho, com tendências utópicas de crença em um triunfo evolutivo da mente sobre a matéria, da civilização humana sobre a natureza habitada por “povos primitivos”. Predomina de finais do século XIX até por volta dos anos 1920. Regido por sóbrios missionários do império.

– Futuro Moderno: o novo requer a rejeição do velho; novas formas seriam inventadas, a humanidade seria reinventada e a ciência nos levaria para um progresso muito além de qualquer coisa imaginável, provavelmente coberto de plástico, com carros voadores, regado a bolinhos de alga e pílulas de nutrientes. Predomina do início do século XX até a perda de esperança com a Segunda Guerra Mundial. Regido por entusiastas visionários, revolucionários.

– Futuro Recombinante: uma mistura autocrítica e autorreferente de novo e velho, refletindo a ambivalência sobre o futuro; tradição e novidade podem se combinar, incerteza e maximização de possibilidades de escolha; complexas combinações de duas ou mais ideias principais abundam na produção da “prole mais curiosa”. Predomina do pós-guerra em diante. Alimenta-se do mercado global *Pop*, teme as grandes catástrofes, vive contradições de necessidades, tendências e estilos, é volátil. Revez-se entre versões mercenárias e improvisadas que combinam imagens a gosto para tornar qualquer coisa mais palatável e vendável; versões de subculturas e culturas de nicho, híbridas, fragmentárias e recombinantes, com gosto pela resistência às formas massificadas; e versões “*smart*” moderadamente otimistas, porém sofridas, confusas e contraditórias, combinadores ávidos para atingir vantagens estratégicas locais, sem compromissos com projetos maiores. O nome recombinante vem, em parte, da tecnologia para edição gênica dos DNAs recombinantes, símbolo de uma era em que o próprio corpo e o humano, assim como seu alimento (agora cada vez mais transgênico), estão sujeitos a modificações e manipulações técnicas produtoras de quimeras, seres com origens múltiplas e cambiantes.

A obra explora maravilhosamente a temática do futuro da alimentação, retrazando os argumentos históricos e o modo de estruturação da discussão, e contextualizando estes em um debate cultural maior, com complexos encadeamentos econômicos e políticos. O mais interessante no que escreve Belasco é o modo como acaba desenvolvendo uma genealogia de questões contemporâneas, desenraizando preconceitos e pressupostos ocultos que se manifestam no cenário atual em qualquer discussão sobre o futuro da

humanidade. A trama que se origina na comida acaba por entrelaçar os temas mais diversos, remetendo a uma série de antigas associações entre o que somos e o que comemos. *O que iremos comer amanhã?* é, sem sombra de dúvidas, uma leitura de extrema importância para todos aqueles interessados na história e no futuro da alimentação, assim como na história do futuro do que comeremos (e do que seremos).

Referências

BELASCO, Warren. **O que iremos comer amanhã?** Uma história do futuro da alimentação.

São Paulo: Editora Senac, 2009.

LAPPÉ, Frances Moore. **Diet for a Small Planet**. Nova York: Ballantine Books, 1971.